

O bambu e os mestres

No próximo dia 13 é inaugurada a exposição

Transcience: Daredevil's and Towering Webs”, um conjunto de fotografias que retratam andamines de bambu e os mestres que os montam, pela lente de Hugo Teixeira,



O que podemos esperar desta exposição?
Podem ver fotografias de andamines, estruturas de bambu e processos de fotografia e de produção. A curadoria foi feita por mim, mas não sou só eu. Foi criada por uma equipa que inclui o arquitecto e antropólogo e fotógrafo documental na ETIC e engenheiro a antropólogo e fotógrafo a preto e branco sob o visto. São andamines, estruturas de bambu, processos de produção de andamines em Macau, cobertos por edifícios, são Macau, cobertos por andamines em bambu, um projecto que constrói há algum tempo, 50 por interesse pessoal. Depois, a andamine são retratadas nos mestres que montam estas andamines em bambu. A ideia foi sair os dois processos e juntá-los. O que é interessante é que, em primeiro lugar, queremos diferenciar para se poder perceber o valor e as diferenças entre ambos.

De onde veio a ideia de fotografar andamines?

Quando cheguei a Macau adornei a ideia pela cidade, pela-me durante horas. Vivia aqui há seis anos. Quando cheguei houve diversos temas que me interessaram, que me chamavam a atenção e que conecti a fotografar, só por coincidência. Depois, mais tarde, explorei com tempo e cuidado. O resultado foi um trabalho que me interessou e que me apaixonou por interessar o João O que me convidou para fazer uma exposição. Ele também trabalha em bambu, fez vários trabalhos e estruturas com esse material. Foi um tema em que pude ligar os dois processos fotográficos, no fundo, a fotografia que eu gosto de fazer.

Como começa o seu interesse pela fotografia?

Conectou por andar a máquina da minha mãe, tirar umas fotografias e depois levar nas escolas por criar cobogós, prêmios, etc. Mais tarde, fui anfitrião pela tecnologia, quando participei em alguns concursos nacionais e internacionais. Foi um interesse particularizado com outros amigos, isto com 17, 18, 19 anos, e conexões, a fotografar como hobby. Nesse tempo, claro, ainda analógico, o digital ainda estava a começar, mas foi ali o princípio.

O gosto aprendeu onde?

Depois de acabar o curso universitário foi ali, Paris. Fotografei e interessei-me mais pela tecnologia, então comecei a estudar a gravidade para construir as estruturas de bambu. Foi um momento em que montei estas estruturas. Foram ali que me dei conta de que a fotografia era mesmo para mim, mas não só para a linguística. Foi ali que comecei a

linguagem e interesse por línguas estrangeiras. Foi ali que comecei a estudar línguas estrangeiras, e depois um curso de fotografia documental na ETIC e depois um curso de antropologia. Comecei a desenvolver temas de uma forma mais documental, mais focada no interesse por estes processos analógicos que aprendi em Belas-Artes. Tinha um professor que me fez fotografar, fez as fotografias de rua. Naquele altura fiquei curioso, mas acabei por não explorar logo as técnicas. Foi aqui que me interessei mais por andamines, pelo bambu, mas tradicional. Mas aquilo ficou.

Alguns deles porque?

Ela começou a estudar quando eu não estava ali. Ela tem sido a única tecnologia de há muito tempo. Gostei de estudar a tecnologia alternativa e explorar a tecnologia alternativa.

Curiosa forma de viver e fotografar na era do Instagram.

O Instagram, as selfies, toda essa cultura não me parece que tenha vindo substituir nada do que era feito antes, mas sim uma nova vertente. Pessoalmente não me interessa, não gosto muito de publicar nas redes sociais, mas percebo como funciona, como é usado.

Quais são as suas principais influências?

Toda a escola de Düsseldorf, adoro tipografias, repetir o mesmo tema para explorar uma estrutura. Ultimamente, Mark Klein e Andy Smith. Eles começaram a trabalhar fotografando e tentaram colocar essas imagens no contexto contemporâneo. O Mark, por exemplo, fez um grande trabalho com fotografias de arquivo de São Francisco em 1960, depois do grande terremoto que

“Os andamines em bambu são estruturas grandes, muito simétricas. E uma forma diferente de olhar para os edifícios, são coisas muito temporárias, mas permitem-me perceber-me localmente apenas na forma.”

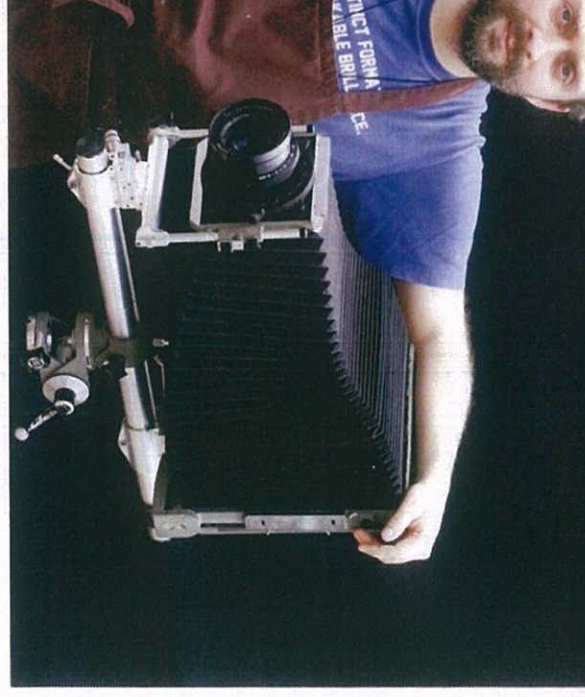
destroam a cidade. Depois fotografou os mesmos locais em 2006, um século depois. Andy fotografou temas mais sociológicos. Gostei muito do trabalho que fez sobre a forma como se criou a identidade canadense. Partiu de ideias primárias, imagens dos territórios não povoados, novos territórios recém-colonizados do Canadá.

As suas influências são só fotográficas?

Sim, mas também culturais, como por exemplo Vito Aczon. Gostei muito de trabalhos de arquitetura, aqueles que trabalham com estruturas grandes, muito simétricas. É uma forma diferente de olhar para os edifícios. Depois fotografou os mesmos locais em 2006, um século depois. Andy fotografou temas mais sociológicos. Gostei muito do trabalho que fez sobre a forma como se criou a identidade canadense. Partiu de ideias primárias, imagens dos territórios não povoados, novos territórios recém-colonizados do Canadá.

“Gosto da ideia de pegar numa tecnologia ultrapasada e explorá-la como alternativa.”

Medo das vezes tentou voltar e fotografar outra vez (risos). Depois da revelação vem a digitalização. Grande parte das imagens que vou mostrar já tirei há um ano ou dois. Vivia algum tempo com um amigo, depois faço algumas fotografias digitais sobre o assunto. Assim como algumas para os edifícios, são coisas muito temporárias, mas permitem-me perceber-me localmente apenas na forma, em vez de ser o edifício tal, ou a história tal. É um símbolo de forma, depois disso não procurar um símbolo que permita captar aquele sentido do edifício. Acho um desafio interessante.



para os mestres já para minha casa, mas os mestres já para minha casa, para o trabalho. Foi um processo mais complexo, tirando duas imagens, depois pensar. Foi a minha, porque quando vejo as estruturas e constraste. Como surgiu esta oportunidade de retratar os mestres?

Orretratos foram com a ajuda do João O, que já há alguma exposição. Ele tem um atelier e um espaço de trabalho de bambu, inclusive com algumas peças para a restauração de bambu no Museu de História Natural e Ciência de Lisboa. Aproveitei esses

para que se estabelecesse um lugar diferente. Como o João já tem estas relações estabelecidas, aproveitámos para convidar os mestres para irem lá a casa. O processo demorou muito tempo, e alguns casos os mestres já tinham alguns dias, eram referências conhecidas, era apenas o processo de restauração. Foi ali que comecei a trabalhar. Foi ali que comecei a trabalhar melhor. Hoje, quem que contribuem a melhor, quem que bebam uma cervejinha, tivemos um jantar e conversamos um pouco. Mas foi o João que permitiu fazer a ligação. Porque eu, embora esteja ali há seis anos, não faço links para poder estabelecer aqueles links.

AS TEMAS E OS MESTRES

O nome da exposição, “Transcience: Daredevil's and Towering Webs”, e está sediada no Tejo Village Art Space, entre 13 de Janeiro e 31 de Março. Outros locais que representam a arte e o design em Macau, no âmbito do projeto de arte e design em Macau, com o apoio do governo local e do Ministério da Cultura e do Turismo de Macau. O projeto é uma iniciativa do Tejo Village Art Space, em parceria com o Centro Cultural de Belas-Artes de Macau, e do Museu de História Natural e Ciência de Lisboa.



Idaê Leal